



DOI: 10.30681/issn23163933v29n02/2020p74-99

ENTRE O REAL E O FICCIONAL: AS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS DO ROMANCE *SELVA TRÁGICA*

BETWEEN THE REAL AND THE FICTIONAL: NARRATIVE STRATEGIES OF THE NOVEL *SELVA TRÁGICA*

Jesuino Arvelino Pinto¹
João Batista Cardoso²
Vera Lúcia da Rocha Maquêa³

Recebimento do texto: 20/02/2020

Data de aceite: 16/03/2020

RESUMO: Este texto objetiva analisar o romance *Selva Trágica*, de Hernâni Donato pelo viés das relações instauradas entre Literatura, História e Sociedade, ao discutir a ficcionalização e o tratamento estético dado ao material histórico-social. *Selva Trágica* desnuda fatos ignorados acerca da saga dos exploradores de erva mate no sudeste mato-grossense. Este romance configura-se a partir do eixo social e denuncia a trama das relações que subjugam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas, localizando-o no centro das lutas de classe. O suporte teórico deste trabalho constitui-se de estudos acerca da relação Literatura, História e Sociedade, como: Maquêa (2010), Bakhtin (1993), Bosi (2006), Candido (1976, 1989) e Machado (1995). *Selva Trágica* é uma narrativa que acolhe a temática social em sua configuração textual para transformá-la em ficção, porém não basta conceber o romance apenas como denúncia, é preciso perceber como esta visão crítica se constrói sem prejuízos à estética.

PALAVRAS-CHAVE: Romance social. Real e ficção. Literatura e vida social.

ABSTRACT: This text aims to analyze Hernâni Donato's novel *Selva Trágica* by the bias of the relations established between Literature, History and Society, by discussing the fictionalization and the aesthetic treatment given to the historical-social material. *Selva Trágica* reveals neglected facts about the saga of the mate herb explorers in southeastern of Mato Grosso. This novel is configured from the social axis and denounces the web of relationships that subdue man, exposing him to perverse domination and exploitation, locating him at the center of class struggles. The theoretical support of this paper consists of studies about the relationship Literature, History and Society, as: Maquêa (2010), Bakhtin (1993), Bosi (2006), Candido (1976, 1989) and Machado (1995). *Selva Trágica* is a narrative that welcomes the social theme in its textual configuration to turn it into fiction, but it is not enough to conceive the novel only as a denunciation, it is necessary to understand how this critical view is built without harming the aesthetics.

KEYWORDS: Social romance. Real and fiction. Literature and social life

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/BRASIL. Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso e Pós-doutorando pela Universidade Federal de Catalão (PNPD/CAPES). E-mail: jesuino.pinto@unemat.br

² Professor Titular da Universidade Federal de Catalão – UFCat/BRASIL. Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília e Pós-doutor pelas Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade de Brasília. E-mail: jbccardoso@gmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/BRASIL. Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora pela Universidade de Lisboa e Université Sorbonne-Nouvelle - Paris 3. E-mail: maqueav@unemat.br





No conjunto da produção literária de Hernani Donato, verifica-se a predominância de narrativas que traçam o percurso do homem brasileiro circunscrito a um espaço problemático, colando-o à paisagem social e submetendo-o aos rigores das leis que anulam o sonho e a capacidade de libertação, impedindo-o de se realizar em sua plenitude humana. Tal é o teor de **Selva Trágica** desnudando os casos ignorados acerca da saga dos exploradores de erva mate (ervateiros) no sudeste mato-grossense. Este romance configura-se a partir do eixo social e denuncia a trama das relações que subjagam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas, localizando-o no centro das lutas de classe. Percebe-se, a partir dos subtítulos, que o autor realiza um recorte no tempo histórico e delimita o espaço geográfico, o que estabelece, também, a necessidade de uma abordagem teórica do romance social.

O romance, segundo Bakhtin (1993), está conectado a cada fase da história do social, isto porque aspira à totalidade da vida, embora este seja de um tempo no qual a imanência do sentido da vida se tornou problemática, o tempo da sociedade burguesa, definindo-o, assim, como um fenômeno literário próprio dessa sociedade. A situação do artista em relação ao universo que recriou é, no romance, diferente da situação em relação ao universo de todas as outras formas literárias. O romance é uma questão de circularidade e influência da realidade sofrida pelo criador.

Visto por este prisma, o romance seria um gênero literário no qual os valores autênticos do escritor aparecem na obra sob a forma de personagens conscientes ou de realidades concretas. Esses valores existem apenas em forma abstrata e conceitual na consciência do romancista. As



ideias abstratas não têm espaço na obra literária, pela sua heterogeneidade. O problema do romance é transformar, em elemento essencial de sua obra, o que é abstrato e ético na consciência do autor.

Deve-se tratar o texto como um produto da linguagem, histórica e socialmente constituído, originado no trabalho humano em sociedade e testemunho material, não apenas do esforço de criação individual, mas também dos condicionamentos sociais, das dimensões culturais, das condições econômicas, dos conflitos éticos e das contradições políticas que configuram o espaço e o tempo em que foi gerado e publicado, como nos ilumina Octavio Paz em **O arco e a lira** (1982). Portanto, toda criação artística é produto de um tempo e de um lugar específicos, e corresponde a uma determinada atuação do homem em interação com o seu universo, configurando, assim, o aspecto da representação na obra literária.

O social, entendido como conteúdo apreendido da realidade, fundamenta a matéria registrada pelo trabalho de Hernâni Donato para a representação histórica. Ao tornar-se interno, isto é, tomado como elemento estruturador da obra, impõe um estudo que estabeleça relações entre sociedade e obra literária. Nesse sentido, **Selva Trágica** é uma narrativa que acolhe a temática social em sua configuração textual para transformá-la em ficção. Tal procedimento de elaboração romanesca assemelha-se ao da produção dos autores neorrealistas que primam por escrever, desenvolver tramas que vivenciaram ou conheceram, mantendo a fidelidade aos fatos a serem reconstruídos. Maquêa (2010) assevera que de “rasgos e vestígios” se constrói a literatura, “empreendida dentro de um conjunto de acontecimentos sociais relacionados a várias histórias que vai



da historiografia oficial até as memórias privadas, que se intrincam na formação de uma memória mais ampla, social” (MAQUÊA, 2010, p. 51)

Para situar a narrativa na categoria social, é preciso considerar alguns aspectos que a prescrevam como tal. Primeiramente, é necessário observar que no romance social predomina o elemento coletivo e os romancistas sociais tendem a enfatizar uma tragédia igualmente coletiva; em segundo lugar, a perspectiva social será considerada toda vez que a personagem ou o grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o jugo das forças fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos. É sob essa perspectiva que a obra se constitui como um romance de caráter social. Os seres que adquirem vida na trama sofrem as consequências de uma organização social comandada pela “lei da força”. Nada, nem ninguém, impede os desmandos da Companhia, que dissemina a violência. As personagens dessa narrativa vivenciam uma estrutura social comandada por um sistema impotente para se fazer cumprir a justiça, evitando que homens sejam escravizados, humilhados e reduzidos a meio homens.

Ao considerar o contexto social referendado pela obra, pode-se pensar em caracterizá-la como regional. No entanto, **Selva Trágica** está inserido em outro quadro social hierarquicamente superior. O que se pretende é revelar o momento histórico brasileiro do qual o acontecimento narrado faz parte. No início do século passado, o Brasil encontrava-se dividido entre a sociedade rural e a urbana. Fundamentalmente agrário, o país assiste ao início da instalação de pequenas e inexpressivas indústrias e à formação de um bloco urbano não homogêneo: fortes resíduos da



escravidão, comerciantes, pequenos industriais, militares e funcionários públicos; além do operariado urbano de origem europeia com experiência de lutas de classes. Alguns movimentos contestatórios, como as greves em São Paulo e no Rio de Janeiro sob responsabilidade das frentes trabalhistas, não abalaram a solidez de um sistema que tinha como costume coagir o eleitor através do voto aberto e, desse modo, garantir, a permanência no poder. Grupos de interesse determinavam a política do país, fazendo vigorar, por exemplo, a chamada aliança —café com leite!, tendo nos paulistas (café) e nos mineiros (leite) a força dominadora da política local em cada Estado.

Em Mato Grosso, após denúncias do Superintendente Dr. Antonio Corrêa da Costa e de prejuízos com o transporte da produção da Matte Larangeira, o Banco Rio Branco decreta falência em 1902 e Thomaz Larangeira adquire seu espólio, já a Cia Matte Larangeira é vendida para a Companhia argentina Francisco Mendes & Cia, passando a se chamar Larangeira Mendes e Companhia. Assim, é assinado com o governo do estado novo contrato de arrendamento, nos mesmos moldes do anterior, que vigoraria até 1916. Entre 1926 a 1929 a Companhia, por várias vezes emprestou dinheiro para o Governo de Mato Grosso e assume o compromisso de construir vários prédios públicos, conseguindo a renovação das concessões, por meio da troca de valores. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Argentina criou restrições a erva-mate brasileira e a empresa entrou em dificuldades.

É nesse quadro da sociedade brasileira que se deve buscar a origem de **Selva Trágica**. Tal referência constituiria o que está além do discurso





verbal, o “não-dito”, da poética de Bakhtin, que vai se revelando no “dito”, ambos elementos do ato comunicativo. Nas afirmações de Machado (1995), é o que possibilita a apreensão do discurso literário como “a representação de um discurso de outros discursos. O discurso é capaz de matizar a expressão sem refletir diretamente o contexto vivencial da enunciação e deixar ressoar o que não é verbalizado”. (MACHADO, 1995, p. 41).

Em **Selva Trágica**, o “não dito” refere-se ao momento histórico brasileiro que engloba, por sua vez, o fator social demonstrado no romance. Nesse quadro social específico, da obra, a temática regional, constituída pelo “dito”, uma vez que está expresso no discurso romanesco, integra, por uma circunstância de relação e de forma figurada, o referencial histórico do país. Assim, ocorre na obra a representação de dois elementos factuais, um inserido no outro, pelo discurso literário. É o que se pode confirmar como discursos que se cruzam, que se tangenciam. Tal aspecto convoca o estudioso, embasado pelo método sociológico, a trazer para sua análise essa abrangência do que está fora, mas que se representa como elemento indispensável à construção semântica da narrativa.

O realismo de **Selva Trágica** toma uma direção diferente do romance do período realista/naturalista que reconhece o desnível social e, conseqüentemente, as mazelas da sociedade, que ressalta o sentimento de comisseração para com as classes sofredoras, sobretudo para com o negro, mas deixa intocável o problema fundamental da sociedade; trata-se de um romance que dá voz aos opressores e aos oprimidos igualmente,



por meio da fala de suas personagens. A trama movimenta suas personagens pela tensão resultante dos confrontos entre os grupos sociais. E a obra não se vale do tema amoroso para mascarar a visão do mundo real, ao contrário, é o problema social que fomenta a dramaticidade das relações amorosas.

As personagens de **Selva Trágica** são movidas pela compulsão moral e, nesse sentido, apresentam-se, apesar de descrições de atos extremamente naturalistas, diferente daquelas construídas no realismo/naturalista. Por trás de uma realidade trágica, pode-se dizer que a maioria das criaturas que circula por toda a obra é íntegra. Existe uma situação de dependência e submissão ao poder da Companhia que escraviza os homens como Pablito, Pytã e por que não os funcionários mais graduados na hierarquia social como o Curê, Isaque, Lucas e Casimiro.

A “fatalidade da carne”, fielmente retratada pelo cientificismo naturalista na literatura, não marca presença neste texto. Mesmo quando inexiste o amor na vida conjugal, lembrando Isaque e Flora, impera aí a fidelidade. O passado de uma prostituta, como Zola, não a priva de uma posição digna e do merecimento do amor sincero de Curãturã. Pablito, de itinerário incerto, é capaz de alterar seu destino, fixando-se na terra ao lado da criatura amada.

Retomando do modernismo brasileiro sua forte caracterização da cor local, paralelamente ao espírito de renovação estética, o romance de realismo social alcança uma importância até então nunca vista na nossa literatura. Devido ao seu conteúdo de teor social pode-se associá-la a uma



tradição literária fortalecida pelos romances que tematizaram o nordeste brasileiro dos anos 30. As semelhanças existem, principalmente pelo fato de que tais obras se caracterizam pela denúncia dos desníveis sociais.

A principal semelhança entre **Selva Trágica** e as obras do ciclo nordestino se evidencia pela presença das hostilidades da natureza, como o flagelo da seca, naqueles romances, a constituir-se na causa da miséria humana; neste, é a selva que hostiliza e impossibilita a fuga. As transgressões brutais da ordem advêm de uma sociedade que favorece os poderosos, representados pela figura da Companhia, cuja ação tem uma causa universalmente reconhecida: a ambição.

Por meio da descrição da paisagem local, o leitor entra em contato com a vida de explorações da cultura do mate. A narrativa, permeada por vários discursos, de diferentes classes sociais e nacionalidades, amplia-se com a presença do folclore e das culturas do povo daquela região fronteiriça, fortalecendo, assim, o caráter documental da obra e imprimindo-lhe maior verossimilhança.

As personagens materializam o texto polifônico ao manifestarem emoções, sentimentos, dúvidas, estranhamentos, buscando estabelecer, com o leitor atento, as pontes que utilizam para atribuir movimento, dinamicidade, verossimilhança à narrativa. O discurso direto e os diálogos mantidos entre as personagens são intromissões do narrador que permitem conhecer um pouco mais dos sonhos e anseios de cada personagem. Segundo Bakhtin (1993), o plurilinguismo introduzido no romance é “o discurso de outrem na linguagem de outrem, que serve para refratar a expressão das intenções do autor” (p. 127), o discurso das personagens é a



outra forma de introdução e organização do plurilinguismo no romance. Isso significa dizer que as refrações das intenções do autor também se dão pelas palavras dos personagens no romance que, embora possuam autonomia semântico- verbal e perspectiva própria, acabam por se tornar a segunda linguagem/voz do autor. O plurilinguismo social é introduzido tanto nos discursos diretos das personagens como no discurso do autor, ao redor dos personagens.

O plurilinguismo bakhtiniano deve ser compreendido como conjunto de linguagens diferentes trazidas pelas personagens que falam nas suas linguagens e nos seus discursos originais, deve-se considerar o mundo social real como exterior ao mundo escrito. Esses mundos, entretanto, são associados e não excludentes. Nesse plurilinguismo que lhe é exterior, inscreve-se o romance, uma vez que a linguagem dos falantes é estratificada e dividida por uma pluralidade de línguas nacionais e, principalmente, de línguas sociais, nas quais o romancista se apresenta com uma linguagem fixa e, ao mesmo tempo, com múltiplas línguas que ele as incorpora.

Selva Trágica reconstrói a história de homens e mulheres contratados para o trabalho da exploração da erva mate pela empresa estrangeira Matte Larangeira, no sul do antigo Mato Grosso, ambientado precisamente no Rancho Bonança. A delimitação temporal da trama do romance está implícita, mas o período pode ser facilmente datado pelo leitor que busque informações históricas, abrange o início do século XX e a década de 1940, quando Getúlio Vargas determina a extinção do monopólio da empresa. O início do monopólio da Companhia é resgatado



pelo discurso de Luisão na obra de Donato:

- Nos oitocentos e oitenta e dois, começaram a fazer erva e um certo Dom Tomás, da comissão de limites, arranhou companheiros e armou a Companhia. Tudo que era erva foi dado à Companhia. Para o Estado reservaram quatro centavos por arroba de erva saída. Disseram ao Governo que o grande lucro do Estado e do povo apareceria em estradas, povoadps, portos, escolas, vinda de muita gente para este oco de mundo. Bom, não se vai negar que tudo isso aconteceu mesmo. Se eu disser que quase tudo o que há progresso neste Sul foi feito pela Companhia, vocês não hão de berrar que é mentira, hein? (DONATO, 1976, p. 105-106)

O domínio da Companhia segue até 1943, quando Vargas cria os Territórios de Ponta Porã e Iguazu, e anulando a concessão. Em 17 de abril de 1944 é assinado o Decreto presidencial n.º 6.428, incorporando ao Serviço de Navegação da Bacia do Prata (SNBP), o Distrito de Guairá, a Estrada de Ferro Guáira a Porto Mendes, assim como as instalações fixas, instalações portuárias e todas as instalações e material flutuantes. A empresa recebeu um prazo para a liquidação de seus negócios e seus edifícios foram todos leiloados, bem como todas as estalagens, oficinas, rebanhos e tropas. A Companhia continuou operando a Estrada de Ferro Porto Murtinho, transportando madeira da empresa até a usina da Floresta Brasileira S. A. para extração de tanino, até pelo menos 1958, existindo vagas indicações de que, em 1971, os trens ainda estariam em operação.

Donato, ao oferecer uma interpretação daquela realidade, resgata fatos, sensibilidades, sonhos, sentimentos, emoções, sociabilidades, valores, comportamentos, atitudes, fantasias, crenças, aspirações, vocábulos, papéis sociais e sexuais, relações entre os gêneros,





festividades, entre outros aspectos da vida cotidiana dos ervais, os quais, se não fossem resgatados por essa narrativa, poderiam estar esquecidos ou perdidos.

A trama resgata um momento histórico da economia do Sul do antigo Mato Grosso que após a famigerada Guerra do Paraguai, centrava-se à pecuária, atendendo as exigências do mercado interno brasileiro, com a venda de gado para as fazendas paulistas e mineiras, voltada para o abastecimento do país; e, à produção de erva-mate, por meio da atividade extrativa ligada ao mercado internacional, principalmente a região Platina.

A partir do Decreto Imperial nº 8799, de 09 de dezembro de 1882, Thomaz Larangeira é autorizado a explorar erva-mate nativa, por um período inicial de 10 anos, entretanto esse decreto não impede a exploração por parte dos moradores locais. O privilégio era concedido pelos presidentes de Província, durante o Império, e, após a Proclamação da República, pelos governadores de Mato Grosso. Larangeira funda, então, a Empresa Matte Larangeira a partir desta concessão imperial. Thomaz Larangeira (o sobrenome explica a grafia do nome da empresa) trouxe do sul do país fazendeiros que conheciam o manejo da erva-mate, também foram utilizadas a mão-de-obra de índios da região e de paraguaios, iniciando o ciclo de produção da erva-mate. Com a proclamação da república a área de concessão é, sucessivamente, ampliada, sempre com o apoio de políticos influentes, como Joaquim Murinho, Manuel José Murinho e General Antônio Maria Coelho. Por meio do Decreto nº 520, de 23 de junho de 1890, são ampliados os limites de suas posses e consegue o monopólio na exploração da erva-mate em



toda a região abrangida pelo arrendamento. Em 1895, a área arrendada é ampliada, sendo superior a 5.000.000 hectares.

Tratando do histórico desta Companhia, Bianchini (2000) destaca que em 1892 é assinado novo contrato de concessão com o estado, com exclusividade para exploração dos ervais. Após assinado esse contrato, o Banco Rio Branco e Matto Grosso, da Família Murтинho, compra 14.540 ações, cabendo a Thomaz Laranjeira 460 ações. A empresa passa a se denominar Companhia Matte Larangeira, sendo obrigada a transferir a sua sede para o território do Mato Grosso. Em julho de 1892 a Companhia Matte Larangeira comprou a Fazenda Três Barras, de Boaventura da Mota, à margem esquerda do Rio Paraguai, e construiu um porto para exportação de erva-mate cancheada, esse porto foi nomeado de Porto Murтинho, pelo Superintendente do Banco Rio e Mato Grosso Dr. Antônio Corrêa da Costa, em homenagem a Joaquim Murтинho. A atividade gerava muito lucro estimulando o aumento da exportação. Em 1900, a região teve grande desenvolvimento graças a Companhia Matte Larangeira, de onde passou a embarcar chá para a Argentina. O transporte do mate, colhido num vasto império extrativo no atual estado de Mato Grosso do Sul, exigia 800 carretas e 20 mil bois.

A Companhia encarregava-se da exploração dos ervais nativos e exportação da erva semielaborada (cancheada) para Buenos Aires. Nesta cidade, outra empresa, a Francisco Mendes Gonçalves & Cia., encarregava-se da industrialização e distribuição do produto no mercado argentino e outros. A erva-mate atingiu grandes centros urbanos como Assunção (Paraguai), Buenos Aires (Argentina) e até a Inglaterra, França e





Itália.

A localização ranchos era definida a partir das minas, considerada unidade de produção, área constituída por ervais (*ilex paraguayensis*), constituindo-se como um povoado, onde residiam administradores, funcionários, milícia da empresa e os trabalhadores. Todo processo de processamento da erva atraía as mulheres, que trabalhavam nas casas de prostituição. Nas “bailantas” estavam as prostitutas mais jovens e caras, e nos “quilombos”, as mais velhas e baratas.

Caracterizando-se como uma cultura de exploração nômade, á medida que se esgotavam os recursos naturais, novas “minas” deveriam ser encontradas, aspecto que provocava o deslocamento de toda a unidade de produção para outra área ainda inexplorada. A economia ervateira, por ser uma atividade predatória e extensiva, exigia mão-de-obra numerosa e, devido ao alto índice de mortalidade, reposição constante.

Surge, assim, outra classe de personagens, os aconchavadores, responsáveis por instaurar as relações de produção que permeavam todo processo, já que tudo iniciava com o aliciamento dos trabalhadores, seduzidos por promessas de uma vida melhor que aquela que levava nos pequenos vilarejos localizados na região fronteira. O endividamento já se iniciava no recrutamento de homens que substituiriam as baixas ocorridas nos ervais, seja por meio da morte ou pela fuga, eram seduzidos pela vida desregrada e abastada que lhe é apresentada em uma noitada sem normas, sem limites, com as mulheres muito bem preparadas nas bailantas, às portas dos ervais, porque não afirmar no portão que baliza o céu e o inferno:





Pois o aconchavador aparecera perguntando quem, dos pobres da vila, faria gosto em passar vida de rico e em ficar rico. E para quem quis ouvir, contou como eram os ervais. Comparou a miséria em que viviam e a fartura em que poderiam viver. Apontou as mulheres feias e envelhecidas que tinham ao redor e descreveu aquelas limpas novas, cheirosas e bonitas que poderiam ter. Mostrou o vazio inútil dos seus dias no povoado natal e a vida trepidante vivida os ervais onde as horas de divertimento eram pelo menos as mesmas que de trabalho. Que patrão ali na terra deles podia fazer como ele aconchavador fazia em nome da Companhia; dar um bom dinheiro adiantado só para o peão ir ver como seriam as coisas. Fossem com ele, logo à noite, para um divertimento debochado, sem freio, na melhor bailanta fronteira e vissem como era bonito e rico o portão dos ervais. (DONATO, 1976, p. 166-167)

Todos se divertem sem qualquer resquício de preocupação, totalmente envolvidos pelos regalos oferecidos pelas mulheres: muita bebida, música, dança, carinhos e sexo. São surpreendidos ao amanhecer com a verdadeira, irremediável e dura condição que se encontram, não restando outra opção que não seja seguir para a vida nos ervais:

Quando amanhece, as carretas são trazidas para a porta. Os aconchavados estão bêbados, empanturrados, entontecidos, exaustos, endividados. As mulheres desaparecem. Os músicos silenciam. Num de repente tudo muda. Vem o Isaque e grita que se ponham em pé. Vem o patrão, que já não ri nem oferece coisa alguma e lhes grita que gastaram demais, beberam demais e abusaram das mulheres, que além de bêbados e farristas eles quebraram tanto e devem tanto. Quer receber em seguida e pelo sim pelo não chamou a polícia. Diz o Isaque que assinem logo a caderneta de trabalho, recebam o adiantamento e paguem ao patrão porque a polícia vem vindo e é muito braba com gente que atravessou a fronteira e gastou em farra o dinheiro que não ganhou ainda (DONATO, 1976, p. 167-168)

A exploração dos ervateiros prossegue quando chegam aos ranchos





por meio das cadernetas da Comissaria, o armazém da Companhia coordenado pelo Mayordomo, que abasteciam e atendiam as necessidades dos moradores, onde os ervateiros, que estavam na base da cadeia de exploração, eram obrigados a adquirir os produtos para sua subsistência, intensificando a sua dependência econômica daqueles que viviam da extração, do beneficiamento e do transporte da erva. Com preços elevados, mercadorias superfaturadas e com o acréscimo dos juros pelo adiantamento, a Companhia mantinha os trabalhadores presos às unidades de produção, caracterizando a servidão por dívida:

Então, pode sacar na comissária o fumo, o charuto guarani, a gualipola, o pano pro vestido, o pente. A Companhia não nega crédito quando o mineiro tem mulher no rancho. A mulher ajuda a aumentar a dívida segurando o homem. É bom pro erval que ele fique devendo muito dinheiro. (DONATO, 1976, p. 58)

Para manter o domínio, controlando, vigiando e reprimindo os trabalhadores e coibir as fugas, a Companhia organiza uma milícia armada, formada por funcionários de confiança e liderada pelos tão temidos comitiveiros: Casimiro, Lucas e Isaque. Os fugitivos eram punidos com perseguições e mortes e os corpos expostos para servirem como exemplo aos demais. Aqueles que tentavam a fuga e que sobreviviam às perseguições e, conseqüentemente resgatados pelos comitiveiros, eram violentamente castigados. A tortura era uma forma aterrorizar aqueles que planejavam desobedecer às normas vigentes e à rígida disciplina de trabalho impostas pela Companhia. O rigor, as humilhações, os castigos corporais e a violência, revelavam as condições





subumanas que trabalhadores dos ervais eram submetidos, o que contribuía para o alto índice de mortalidade:

Bateram com o teyu-ruguay, o chicote fino e longo como a cauda do lagarto, que rompe o couro e expõe estrias de sangue nas costas e peitos mais robustos. O justicado era fraco e estava dobrado pelo medo. Para que não desmaiasse depressa demais, estragando o espetáculo punitivo, o Curê olhava os olhos dele muito de perto. Quando já não viu cores quentes, fez sinal e mandou parar. Jogaram água sobre a cabeça, deram-lhe uma cuia a beber, gritaram que apendesse a não fugir. A gente olhando, sem querer olhar. Do outro lado começaram a bater com o mborebi-piré, o azorrague de tiras largas de couro de anta. Próprio para ferir por baixo da pele, despregando a carne dos ossos, fazendo um homem sadio dores por anos cada vez que a temperatura baixe ou suba.

Mas o batedor nem chegou a cobrir-se de suor. O rapaz tombou a cabeça e, chora-chorando baixinho, desmaiou. (DONATO, 1976, p. 109-110)

O acontecimento é retirado da realidade histórica, acessado por meio de depoimentos coletados pelo autor, é tomado por Hernâni Donato para erguer a estrutura de **Selva Trágica**, forma e conteúdo unem-se por meio de uma relação complexa e ambígua, tornando o fator social um componente essencial na organicidade da obra. A construção literária desta narrativa exprime a visão cruel dessa sociedade descrita. Nesse caso, ficção e História estão aglutinados na elaboração estética; separá-los para realizar um estudo analítico proporcionaria uma visão fragmentada do romance, deve-se ressaltar a integração dos aspectos da obra.

Segundo Lukács (2000), a evolução literária está relacionada à evolução social, e uma estrutura literária, com o momento de uma dialética histórico-filosófica, pois são os dados histórico-filosóficos que





impõem a criação do romance, e não as intenções íntimas do escritor. Assim, a forma romanesca está conectada a cada fase da história do social. Isto porque o romance aspira à totalidade da vida, embora este seja de um tempo no qual a imanência do sentido da vida se tornou problemática, o tempo da sociedade burguesa, definindo assim o romance como um fenômeno literário próprio dessa sociedade.

O romance se constrói sob o signo da tensão causada pelo choque entre dominadores e dominados. Os primeiros representados diretamente pelos administradores, capatazes e comitiveiros; os segundos, pelos ervateiros, pelos *changa-ys*, pelas mulheres dos ervais, pelos fugitivos do rancho. Tensão, no sentido sociológico, designa as oposições internas, manifestas ou latentes entre grupos sociais, numa determinada realidade humana. Uma narrativa densa, compacta, carregada de tensão, desvela o homem oprimido em seu meio. Este homem está na pele dos ervateiros que transportam o raído de 200 quilos, arriscando a vida; na pele dos fugitivos que são caçados como animais e, na maioria das vezes, mortos; na pele das mulheres exploradas sexualmente, perseguidas e impedidas de amar. A tensão reside, ainda, na vida clandestina dos *changa-ys*; na força do poder da Companhia que mantém os mineiros presos, endividados, escravizados, em meio à mata, sem nenhuma esperança de liberdade: uns são conformados, resignados e se entregam às condições dessa vida de infortúnios; outros, desesperados, tentam a fuga.

A narrativa literária constitui-se como um universo autônomo, integrado por lugares, personagens e ações fictícias, como um simulacro de uma realidade física existente que se relata, por meio de uma entidade,



o narrador. A realidade exterior é reconstruída nas páginas do romance graças à descrição bem realizada da paisagem do conflito.

Descrever é pintar com as palavras e, por isso, é indispensável que o narrador se coloque com sensibilidade, a fim de que o ato da descrição não constitua, apenas, a realização de um inventário, pois não é somente descrição, mas inserção do personagem no espaço que lhe é íntimo ou hostil.

A vida nos ervais de **Selva Trágica** caracteriza-se pela subversão das normas sociais e, por isso, a barbárie se instaura no mundo às avessas, “os homens tornavam-se meio homens; apenas nas cidades, representadas como próximas à civilização, os homens viviam como homens” (DONATO, 1976, p. 129). O rio Paraguai delimita o inferno dos ervais brasileiros e o paraíso, onde se encontrava a liberdade para ser conquistada por meio da fuga. Em sua maioria paraguaios, os ervateiros desejavam estar do outro lado do rio, retornando para casa e realizando a travessia, quando há a impossibilidade de conquistar a liberdade a travessia é realizada pela morte.

De acordo com Lukács, em **Ensaio sobre literatura**, “o grande escritor deve observar o mundo com compreensão e utilizar dos casos e acasos da vida, constituindo romance de uma tensão eficaz, para melhor exprimir as necessidades humanas dos seus personagens” (LUKÁCS, 1968, p. 96-97). Assim, em **Selva Trágica** o que se narra são reverberações da consciência do autor em relação ao mundo, mostradas por meio da construção de uma tensão gerada pelo embate entre dois grupos sociais. Na narrativa donatiana, a opressão não se constitui apenas pelas relações



sociais, mas também pelas adversidades do meio e do espaço, que contribuem para o aprofundamento da tensão:

Ao fim do sapeco o sol está todo de fora. A manhã cresce com um calor de trinta e nove graus, ajuntando pernilongo e biriguis no suor dos homens já entregues às manobras de depinico. Arrancam-se aos punhados as folhas ainda quentes, depositando-as no raído: um trançado de correia compondo o fardo que o homem levará às costas, sustentado pela cabeça, os ombros, a espinha. O raído médio deve pesar dez arrobas paraguaias. O máximo é o limite de força do mineiro.

Meio dia. Avançam pelo tape, pernas duras, passadas curtas. Cada passo debaixo do raído de duzentos quilos exige grande esforço. O raído passa uma alça forte ao redor da cabeça do mineiro. Ela solda a carga ao homem e evita que a espinha dorsal se parta. Ao fim de cem passos, quando o raído “assenta”, a alça começa a latejar, como se batesse para entrar nas paredes do crânio. Vencido um quilômetro, os ombros ficam insensibilizados pelas duas correias que os enlaçam. Por cima dos outros pesos há também o de duas preocupações: não errar um passo – pois o tombo pode quebrá-lo debaixo do fardo; e não permitir que a espinha dorsal se curve. O piso do tapê-hacienda é plano, limpo de raízes e cipós, porque o homem, de cabeça presa ao raído e o corpo entesado, não enxerga onde pousa os pés. Se pisa fora da trilha e escorrega ou tropeça morrerá debaixo do fardo. Se nesse tombo a espinha é fraturada, agonizará dolorosamente durante horas. Sabe disso e vai atento. [...]

[...] Boca fechada nos primeiros cem metros para não gastar fôlego e, depois, escancarada, engolindo o ar necessário e que só nariz fremente não pode levar aos pulmões comprimidos, congestionado. (DONATO, 1976, p. 20-21)

No romance, temos o relato da vida por um fio, num dobrar de joelhos, num pestanejar de olhos, num caminhar tenso. Caminhar este, refletido na fuga dos mineiros que querem escapar à escravidão dos ervais, mas são caçados pelos comitiveiros, verdadeiros capitães do mato, passo a passo, rastro-a-rastro, numa floresta cheia de empecilhos que



dificultam a fuga, geralmente malsucedida:

- Fiii ... ijuuu...

Nem mais perto nem mais distante do que da primeira vez. Mas sempre atrás dele na trilha por onde viera Comitiveiros chefiados pelo Casimiro não perdiam pista.

[...]

Na cabeceira da água o mato raleou. [...] Por vezes, pontas de raízes batiam-lhe no rosto e no peito. Sentia na face e na boca o gosto e o quente do sangue. Correu assim um bom tempo.

[...]

Deu fé em que ia chapinhando. O leito do riacho se transformava em brejo. Procurou subir porém as margens eram altas e lisas. Não teimou. Gastaria força e tempo se teimasse.[...]

[...]

[...] Ouviu o que procurava:

- ... ijuuuu... – bem á sua frente, para além do charco. [...]

- Fii... ijuuu...

- ... ijuuuu...

Esqueceu as feridas, querendo localizar os comitiveiros. Pelo som do mbureo mediu mais de cem metros adiante deles. Mas tinha também uma dor violenta na perna esquerda. Quebrada não estaria, mas arruinada o bastante para impedir a travessia do campo na corrida.

[...]

- ... ijuuuu....

O chamado vinha da esquerda, rente ao mato. O comitiveiro seguia pé sobre pé a trilha que ele abria.

[...]

[...] Nem assim o Casimiro deixou que disparassem. Estava gostando daquilo. O homem acuado já não lhe podia fugir. Fazer mais estragos sim, podia. Mas estava cercado. Agora era acabar com ele – calma e divertidamente. (DONATO, 1976, p. 179-84)

O mineiro, sob forte tensão, sente-se lesado em seu direito de ir e vir quando é perseguido e morto sob as penas da lei exclusivas dos ervais, ou seja, de uma Companhia capitalista exploradora, escravagista e



dominante. Alfredo Bosi (2006), embasando-se nos estudos de Goldmann, ensina que,

Em face da sociedade burguesa, fundo comum da literatura ocidental nos dois últimos séculos, o romancista tende a engendrar a figura do herói problemático, em tensão com as estruturas ‘degradadas’ vigentes, isto é, estruturas incapazes de atuar os valores que a mesma sociedade prega: liberdade, justiça, amor... (BOSI, 2006, p. 391)

É essa ausência da prática da justiça e da liberdade de ação, que leva os trabalhadores honestos a tornarem-se clandestinos, a viverem como bandidos, quando, na realidade, os verdadeiros bandidos estão no poder protegidos por leis apropriadas, criadas sob a pressão deles ou por eles, e para eles. É essa a situação conflituosa, delicada e problemática dos *Changa-ys*, que vivem sempre sob forte tensão, os homens com medo de serem descobertos e assassinados e as mulheres de serem transformadas em “quilomberas” para servirem aos mineiros da Companhia, que se apossavam da erva colhida e preparada, depois das atrocidades. Caso não houvesse o monopólio da erva-mate, concedido pelo Governo à Companhia, não haveria os *changa-ys*, não haveria a clandestinidade, o medo, a tensão e a diversidade entre os grupos sociais.

Afastou-se e começou a andar, irritado com a pergunta:

- É fácil dizer isso. É baixo... Aqui somos changa-y, ervateiros clandestinos. De dia não podemos fazer barulho, de noite não podemos acender fogo.

Não temos terra nem rancho, nem amigos, mais do que os outros só temos trabalho. E medo. Você mulher, não tem medo?

- Tenho. Se descobrem a gente, estouram por aqui e liquidam você. E com os outros. A mim me dão para o uso dos comiteiros e depois, dos mineiros. Por fim me



encostam de quilombero num afora do rancho para desfástico dos aborrecidos...

[...]

[...] Olha pra lá! É quase o fim da safra. Quanto mais ficamos, mais arriscamos a erva e o pescoço. Tem acontecido, você sabe, que o pessoal da Companhia espera com paciência e malícia que os changa-y façam a erva que possam. E depois lhe caem em cima. Enterram homens e levam bolsas bem atacadas, prontinhas. Vê como é? Tenho medo, sim, tenho medo. (DONATO, 1976, p. 36-37)

Também em tensão contínua vivem os trabalhadores das monteadas, ou seja, os mineiros que saem pela floresta à procura de outras minas de erva-mate e deixam no rancho, à mercê dos caprichos dos capatazes, as suas mulheres. Isso ocorre com Pablito, desesperado pela demora da monteadada, sabendo que a mulher que ama está desamparada, vulnerável à ação dos capatazes e administradores do rancho, acaba por entrar em crise e passa a desconfiar da fidelidade da mulher, dada a demora e a incerteza do retorno ao rancho:

- Hein, velho Bopi? Silencioso assim você quer dizer que eles abusaram da minha mulher, não é?

No vigésimo dia da monteadada entardeciam num pindobal beirando fio d'água buliçoso. Ao mais novo dos três importava pouco encontrar as erveiras. Ia roído pela enormidade da mágoa. E insistia com o velho:

- Diz de uma vez, caraí Bopi. Eles fizeram isso com a Flora, hein? [...]

- Fale, caraí. Três luas já que estamos fora do rancho. Acha que eles respeitaram minha mulher? Vinte dias, aqueles homens todos passando em frente do rancho e ela sem poder nem ter onde se esconder. Diga, caraí, é de propósito que mandam os homens montar, não é? Só para ficarem lá embaixo com as mulheres deles?

O Bopi sabia dessas coisas o que bastava. Ele mesmo, nos começos da loucura do mate, mandara donos de mulheres bonitas montar nos longes e fora fincar pé diante do rancho,



mal o escuro aumentava as distâncias e a solidão da mulher.
(DONATO, 1976,p. 9-11)

Na representação da vida nos ervais, Donato prioriza aspectos díspares nas relações de poder. De um lado, a sede da Companhia na Argentina, sempre vidando ao lucro, a manutenção da ordem e o aumento desenfreado da produtividade a qualquer preço, explorando os ervateiros e gerando conflitos sociais desvelados na trama. As leis estipuladas e mantidas pela Empresa favoreciam a exploração sexual das mulheres, a perseguição aos casais e os desencontros amorosos. A natureza hostil e o meio social subjugavam homens e mulheres à Mate Laranjeira, tornando-os impotentes para lutar contra o sistema que os oprimia. Dessa forma, estariam impedidos de se libertarem dos conflitos individuais e coletivos, buscando apenas a sobrevivência, deixando adormecidos desejos, ambições e os sonhos de uma nova vida; ao revelar os infortúnios dos trabalhadores dos ervais, Donato empenha-se em demonstrar o engano dos consumidores de terere e chimarrão: “– Quem não sabe destas coisas pensa que a erva-mate é colhida nos jardins.” (DONATO, 1976, p. 41).

A trama de **Selva Trágica** está condicionada ao contexto histórico regional, nacional e internacional, conferindo-lhe historicidade às ações e tensões entre as personagens, grupos e classes. Como Donato declara no prefácio, a personagem principal do romance seria a erva, seguida pela terra, pelo tempo e sonhos, e, por fim, os homens, ou seja grupos estratificados socialmente.

Goldmann (1976) afirma que os verdadeiros temas da criação cultural são grupos sociais e não os indivíduos isolados e, evidentemente,





reconhece que o “criador individual” faz parte do grupo. Assim, o romance, crônica social, reflete a sociedade de seu tempo; por isso, em vez de colocar a identidade entre a realidade social e o conteúdo da literatura romanesca, ele a concebe entre a estrutura do meio social e a forma romanesca. Há uma homologia entre a forma literária do romance e a relação cotidiana dos homens com os bens e os outros homens.

São esses entrecos que configuram **Selva Trágica**, as diversidades conduzem à tensão e constituem a ação da narrativa. Não basta acolher o romance apenas como denúncia de um estado de coisas, mas também perceber que tal visão crítica se faz de uma forma marcadamente estética. Na configuração textual, transparece a linguagem intencionalmente elaborada, preocupada com a força poética de sua expressão. Segundo Jakobson (1970), o que se diz é importante, mas o “como” se diz é o que vitaliza o texto, atribuindo-lhe poeticidade; o teor conotativo de seu texto é flagrante e nele a exuberância das figuras de linguagem se faz notar de forma expressiva.

Com todo o seu poder de construção linguística e habilidade criativa, o escritor mescla o poético à realidade circundante, transformando a *mimesis* e *poesis*. Uma narrativa só pode ser extraída da aglutinação de uma série de experiências concretas abstraídas do escritor, que poderá percebê-las em seus contrastes. Experiências essas, transferidas a um narrador ficcional, que organizará e relatará os fatos aos leitores.



Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (A teoria do romance). Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Edunesp/Hucitec, 1993.
- BIANCHINI, Odaléa da Conceição Deniz. **A companhia Matte Larangeira e a ocupação de terras do sul de Mato Grosso: (1880 – 1940)**. Campo Grande, MS: UFMS, 2000.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DONATO, Hernâni. **Selva trágica: a gesta ervateira do sulestematogrossense**. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.
- _____. **Selva trágica**. São Paulo: Edibolso, 1976.
- GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do romance**. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- LUKÁCS, Georg. **A Teoria do romance**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2000.
- _____. Narrar ou descrever. In: _____. **Ensaios sobre literatura**. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MACHADO, Irene. **O romance e a voz**. A prosaica de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago, 1995.



REVISTA ECOS

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente**: literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

